

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA  
BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO: A FORÇA DA TEORIA E DO  
CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Fernando Lionel Quiroga

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5054>

Submetido em: 2022-11-11

Postado em: 2022-11-25 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

## CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO: A FORÇA DA TEORIA E DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

FERNANDO LIONEL QUIROGA<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4172-2002>

**RESUMO:** Neste ensaio elaboramos uma reflexão sobre algumas características da pesquisa (auto)biográfica em educação. Fizemo-lo tomando como referência autores que tem interpretado a realidade do mundo contemporâneo. No que tange aos impactos do mundo do trabalho, recuperamos elementos importantes da *sociedade de desempenho* e da *sociedade do cansaço* de Byun-Chul Han, especialmente a partir dos argumentos centrais do autor, ao destacar o paradigma da *positividade* das sociedades contemporâneas e suas consequências na vida, seja em âmbito pessoal ou profissional. Avançamos no debate buscando caracterizar o cenário educacional contemporâneo dando destaque à pesquisa (auto)biográfica como modalidade singular na pesquisa educacional. Destacamos como principais resultados em favor da constituição do campo epistemológico da pesquisa educacional os seguintes aspectos: a) a importância da teoria como instrumento de contextualização da realidade contemporânea e do campo educacional; b) o sentido de afirmação da vida, em um momento de “morte da educação” ou “morte do educador”; c) a propriedade terapêutica do gênero (auto)biográfico.

**Palavras-chave:** (Auto)Biografia, Pesquisa Educacional, Contexto, Epistemologia.

### CONTRIBUTIONS TO AN EPISTEMOLOGY FOR BIOGRAPHIC RESEARCH IN EDUCATION: THE STRENGTH OF THEORY AND THE SOCIO-HISTORY CONTEXT

**ABSTRACT:** In this essay we elaborate a reflection on some characteristics of (auto)biographical research in education. We did it taking as reference authors who have interpreted the reality of contemporary world. Regarding the impacts of the world of labour, we recover important elements of *the performance society* and *the fatigue society* of Byun-Chul Han, especially from the author's central arguments, by highlighting the *positivity* paradigm of contemporary societies and its consequences in life, whether personally or professionally. We advance in the debate seeking to characterize the contemporary educational scenario, highlighting (auto)biographical research as a unique modality in educational research. As main results in favor of the constitution of the epistemological field of educational research, we highlight the following aspects: a) the importance of theory as an instrument for

1 Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, Goiás (GO), Brasil. <fernando.quiroga@ueg.br>

contextualizing contemporary reality and the educational field; b) the sense of affirmation of life, in a moment of “death of education” or “death of the educator”; c) the therapeutic property of the (auto)biographical genre.

**Keywords:** (Auto)Biography. Educational Research. Context. Epistemology.

## **APORTES A UNA EPISTEMOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICA EN EDUCACIÓN: LA FUERZA DE LA TEORÍA Y EL CONTEXTO SOCIO-HISTORICO**

**RESUMEN:** En este ensayo elaboramos una reflexión sobre algunas características de la investigación (auto)biográfica en educación. Lo hicimos tomando como referencia a autores que han interpretado la realidad del mundo contemporáneo. En cuanto a los impactos del mundo del trabajo, recuperamos elementos importantes de la *sociedad del rendimiento* y la *sociedad del cansancio* de Byun-Chul Han, especialmente de los argumentos centrales del autor, al resaltar el paradigma de la *positividad* de las sociedades contemporáneas y sus consecuencias en la vida, ya sea personalmente o profesionalmente. Avanzamos en el debate buscando caracterizar el escenario educativo contemporáneo, destacando la investigación (auto)biográfica como modalidad única en la investigación educativa. Como principales resultados a favor de la constitución del campo epistemológico de la investigación educativa, destacamos los siguientes aspectos: a) la importancia de la teoría como instrumento de contextualización de la realidad contemporánea y del campo educativo; b) el sentido de afirmación de la vida, en un momento de “muerte de la educación” o “muerte del educador”; c) la propiedad terapéutica del género (auto)biográfico.

**Palabras clave:** (Auto)Biografía, Investigación Educativa, Contexto, Epistemología.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa biográfica em educação já ocupa um papel relevante no cenário investigativo nacional. O sentido maior em se narrar o próprio curso da vida, ou mais especificamente, a trajetória de uma profissão, permite uma compreensão mais refinada sobre aspectos que permaneceriam à sombra de uma análise mais distanciada. O esforço de narrar a própria vida deve admitir elementos que, sem o peso do olhar sobre si, permaneceriam diluídos na esteira de uma narrativa formal, marcada pelos episódios institucionais da carreira. Ora, como se sabe, há mais do que isso. Entre a imaginação do futuro e sua materialização, há eventos totalmente inesperados, como ilustra o verso de Antônio Machado: “Caminhante, não há caminho. Caminho se faz ao caminhar”. A vida e suas rupturas, suas curvas inesperadas que, como no verso de Chico Buarque da canção “Até o fim”: “já de saída minha estrada entortou”, para terminar em “mas vou até o fim”, evidenciam o sentido de uma luta (inglória) contra o poder da predestinação. A mesma ideia observa-se no tango interpretado na voz de Júlio Sosa, “*Mala suerte*” - letra de Francisco Gorrindo - em que se naturaliza o temperamento do homem incapaz de conter seus impulsos primitivos, ao mesmo tempo em que dá munição para justificar o fracasso do matrimônio, como se observa nos versos: “*Yo no pude prometerte/ Cambiar la vida que llevo,/ Porque nací calavera/ Y así me habré de morir.*” Entre um sentido de predestinação, de um “nascer para algo”, e um de “construção”, de “formação” de uma vida ou uma trajetória, residem modos diversos de representações cujas raízes encontram-se em históricos debates epistemológicos.

Se, por um lado, os discursos naturalizantes e de predestinação correspondem, com maior ênfase, às classes menos favorecidas e de menor capital cultural, como se pode constatar nos exemplos das canções acima citadas - ambas apresentando as justificativas do destino da vida de um personagem típico das classes populares - por outro, a construção de uma vida, o pensamento prospectivo e o planejamento dizem respeito às classes médias, em que o pensamento supersticioso cede lugar as explicações científicas e racionais. A história de vida no âmbito da educação, portanto, tende a enquadrar-se neste modelo pelas características tanto de classe quanto da cultura adquirida durante a formação. A crença de que há um talento, um dom para a docência, é substituída pelos condicionantes externos que contribuíram para o ingresso na licenciatura, chegando até a sala de aula.

## A FORÇA DA TEORIA E DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Em nosso modelo educacional e político, influenciado pelo modelo americano, em que se observa uma gradativa e sistemática depreciação da figura do professor desde pelo menos os anos 1980, adentrar na carreira nem sempre é consequência de uma escolha idealizada, pensada como destino de um futuro promissor e fonte de felicidade. Ao contrário, não raras vezes nos deparamos com relatos de ser a escolha pela licenciatura uma opção motivada por simples ausência de opções. Uma escolha condicionada pela sobrevivência, pela garantia de um emprego mais digno do que os trabalhos

braçais, tão menosprezados no Brasil em sua herança escravagista. Vejamos este relato de uma professora por nós entrevistada em pesquisa anterior<sup>2</sup>:

Agora, hoje em dia, tem isso que eu te falei. Tem os que querem; que amam a profissão, e tem aqueles que caíram de paraquedas, por causa de um EaD... Hoje em dia você tem exemplos de várias serventes, né – o pessoal da limpeza da escola; ou a monitora, que limpa, que lava a criança na creche, que fez uma pedagogia EaD, um supletivo EaD, porque ela achou o lugar da professora – porque ela se sente humilhada socialmente, não porque alguém a humilha. Porque ela está num lugar que tem diretor, que tem professor, e tem ela (QUIROGA, 2018, p. 53).

Há, evidentemente, motivos de sobra para que se interprete este trecho a partir de um notável ressentimento de classe de uma professora já madura, vendo acessarem a profissão aqueles que, socialmente são menosprezados pelas classes médias ressentidas: os faxineiros e o pessoal de apoio, antes coadjuvantes no cenário escolar. Todavia, o sentido que se depreende desta passagem é o de que a escolha da profissão está diretamente relacionada àquilo que é possível em termos práticos, isto é, o que se pode concretamente almejar, mesmo que as expensas de um curso à distância com baixo prestígio social.

Um segundo professor, igualmente questionado sobre a escolha da profissão, confessa que seu primeiro desejo consistia em ser jornalista, abrindo mão do sonho ao perceber a dificuldade de que o mesmo pudesse lhe assegurar uma condição minimamente estável em termos materiais, rendendo-se, finalmente, ao curso de Letras<sup>3</sup>. E, por último, o caso do professor de Educação Física que confessa ter cursado a faculdade com o sonho de trabalhar no ramo das academias de ginástica, percebendo somente mais tarde a dificuldade de inserção e garantia de ganhos no segmento *fitness*, resignando-se, finalmente, ao concurso público de Educação Física na educação básica<sup>4</sup>.

Em todos estes casos o início da carreira se dá de modo tortuoso, impregnado de sentimentos negativos em relação à docência. O ingresso na carreira é o resultado de uma pressão externa decorrente da própria necessidade de vida, lugar distante, portanto, de uma representação idílica sobre a profissão. Se não como o sonho de medicina do estudante aburguesado, que goza de apoio e conta com os investimentos necessários da família para “chegar lá”, o estudante das classes pobres é obrigado a substituir a noção do sonho. Enquanto ao primeiro é assegurado o direito ao sonho como dimensão espiritual, como possibilidade de felicidade e uma vida

2 Dados extraídos do livro “O mal-estar na contemporaneidade e suas expressões na docência”, em que busquei investigar as representações sociais associadas ao mal-estar docente.

3 “Meu intuito inicial era fazer jornalismo. Era ser jornalista. Só que o curso de jornalismo estava meio inacessível para eu pagar as parcelas da faculdade. Aí eu decidi: Ah, vou fazer algo que seja voltado a Letras! Aí eu falei: vou a algo mais próximo, então, a... optei por fazer o curso de Letras. Eu trabalhava em uma, em uma perfumaria, ganhava pouquíssimo” (Quiroga, 2018, p. 67).

4 “Fui fazer faculdade meio que por impulso. Que eu sempre gostei de esporte, sempre gostei de praticar esporte, e...a minha ideia inicial era trabalhar em academia, tá? Terminei a faculdade, consegui passar no concurso daqui da prefeitura, avalei o salário de uma academia e o salário que eu iria ter como professor, e fui pra escola. Não foi um negócio assim: “quero ser professor!”. Teve um negócio: preciso de dinheiro, vou dar aula (Quiroga, 2018, p. 65-66).

abundante, ao segundo cabe apenas o direito ao sonho em sua dimensão concreta; a possibilidade redentora de dar um passo além do estigmatizante trabalho braçal. E assim ocorre o ingresso na carreira docente de milhões de professores que hoje lecionam pelo Brasil afora. Sob qualquer ângulo que se olhe para o fenômeno, é o contexto da vida que condiciona a escolha da profissão.

Agora vejamos o que de potencialmente perceptível podemos captar nas biografias ou em traços biográficos no contexto da *sociedade de desempenho*. No singular livro de Byung-Chul Han, “Sociedade do Cansaço”, o filósofo Sul-Coreano reflete sobre o que ele chama de *sociedade de desempenho* e, mais adiante, de *sociedade do cansaço*. Em seus argumentos consta o caráter de positividade como característica central do século XXI, ao contrário da negatividade, presente nas sociedades disciplinares e de controle de Michel Foucault. No bojo destas sociedades residiria uma intensa violência neuronal, marcada por estímulos de todas as partes, vindo a culminar nas principais patologias do século XXI: a depressão, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Síndrome de Burnout (SB). Segundo o autor:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shoppings centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. (BYUNG-CHUL HAN, 2017, p. 23).

Neste complexo cenário, contemporâneo por assim dizer, é onde mais se manifestam as patologias apontadas pelo filósofo. A violência produzida pelo excesso de estímulos, também discutida com elevado rigor por Türccke em “Sociedade Excitada”, ou mais especificamente, em “Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção” lança luz não somente a um epifenômeno das sociedades tecnológicas, como chama a atenção para o seu risco iminente: o do esvaziamento da própria estrutura cognitiva que permitiu ao *Homo sapiens* a edificação da própria noção de cultura. Türccke chama atenção para a dimensão cultural que se coloca na antessala de onde emerge todo o problema vinculado a uma erosão da economia da atenção, o TDAH. Vivemos em uma sociedade com déficit de atenção, excitada por uma avalanche de estímulos que sequer chegamos a dimensionar suas consequências em nossa vida diária. O resultado: esgotamento e depressão. Para Byung-Chul Han, “vista a partir daqui, a Síndrome de *Burnout* não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida” (Idem, 2017, p. 27). Neste sentido, e nas palavras do filósofo:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura da economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e a atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção *multitasking* (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna.

Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. (IBIDEM, 2017, p. 32).

A sobrecarga de trabalho que marca as sociedades atuais corrobora, sem dúvida, para um tipo novo de humanidade. O sentimento de ser “senhor de si” em um pano de fundo nada favorável, carente de disposições socialmente incorporadas ao longo de gerações, produz, seguindo o pensamento de Hannah Arendt, a degradação do homem em *animal laborans* – um animal trabalhador sem qualquer outro significado para a vida (Byun-Chul Han, 2017). Deste modo, não se pode perder de vista as características de um tempo quando o que está em questão são as biografias que dela fazem parte como as células que constituem um tecido mais amplo. Como o tempo segue sendo o principal ingrediente da *Bilung* – formação cultural de um indivíduo – aspecto igualmente presente no romance de formação (Delory-Momberg, 2011; Chauí, 2002), em que a narrativa volta-se para o caráter formativo da condição humana situado em determinado contexto, a escrita de si deve depreender esforços na compreensão mínima do seu tempo, de penetrar nas galerias sombrias do contemporâneo com tal de ver, ou de imaginar, suas principais características. Refletindo deste ponto de vista, as teorias são sempre observações sobre o tempo; um determinado tempo situado historicamente. São expressões conceituais extraídas da meditação sobre suas principais características. Concordando com Delory-Momberg:

Podemos dizer, inclusive, que a sociedade pós-moderna, que leva cada indivíduo a se responsabilizar por si mesmo e a autorrealizar-se – enquanto as condições sociais e econômicas tornam tal autorrealização e a trajetória pessoal associada mais e mais difíceis e problemáticas – , atualiza e revigora esse modelo de construção e de realização biográfica (DELORY-MOMBERG, 2011, p. 339).

E, ainda:

Não, não há milagre nem revelação! Não, quem faz a narrativa de sua vida não descobre uma história que teria ignorado até então, repentinamente revelada! Não, não há sentido oculto, preexistente, que a narrativa vem desvendar! E para chegar ao fundo do raciocínio: Não, não há história nem sentido antes que a narrativa construa a história e estabeleça o sentido, e sempre de forma provisória e inconclusa. (DELORY-MOMBERG, 2011, p. 340).

Neste sentido, se não há conteúdo antes da forma, se a história que se conta é, no fundo, uma construção simbólica de episódios que poderiam do mesmo modo perder-se no esquecimento, a teoria coloca-se, neste caso, como princípio de realidade que deve ao menos servir como balizador ao trabalho de auto-interpretação.

Em “Os sonhos de Helena”, de Eduardo Galeano, lê-se a seguinte passagem:

Aquella noche hacían cola los sueños, queriendo ser soñados, pero Helena no podía soñarlos a todos, no había manera. Uno de los sueños, desconocido, se recomendaba: - Suéñeme, que le conviene. Suéñeme, que le va a gustar. Hacían la cola unos cuantos sueños nuevos, jamás soñados, pero Helena reconocía el sueño bobo, que siempre volvía, ese

pesado, y a otros sueños cómicos o sombríos que eran viejos conocidos de sus noches de mucho volar (GALEANO, 2021, p. 30).

A presente passagem é representativa não somente porque nos coloca em flagrante diante dos limites de nossa vida, mesmo diante da ilusão do poder ilimitado dos sonhos, mas porque diz respeito às construções narrativas, que mesmo no plano infraconsciente se mantém fiel ao material limitado da subjetividade. É por esta mesma razão que, embora as investigações de cunho (auto)biográfico possuam peculiaridades de uma vida singular, encontram pontos de conexão com certas categorias comuns aos seus colegas de profissão. E é por isso que a comunhão de biografias torna-se passível de cientificidade. O material simbólico é o mesmo. As teorias que lhe dão sustentação são limitadas e conhecidas. A estrutura da profissão, afóra os detalhes que constituem os planos de carreira e os aspectos da administração pública, é em todo o resto semelhante, coincidente.

Na carreira universitária, o professor se vê imerso em uma rede de exigências que disputam seu tempo entre tarefas de gestão e aquelas relacionadas a atividade de pesquisa. Não raras vezes o professor se vê dividido entre tarefas que lhe impedem, por assim dizer, o exercício de uma reflexão mais demorada sobre certo assunto. A contemplação ou o próprio substrato da teoria, isto é, o olhar detido sobre as coisas, se distancia cada vez mais da carreira docente. Se, por um lado, há uma produção científica jamais vista em toda a história da ciência moderna, em que, boa parte, pela própria fluidez, velocidade e volume termina por não ser, de fato, sequer lida pela comunidade científica, deixando-se isolada ou diluída no oceano de publicações, por outro, há ainda uma necessidade inquestionável de formação humana na outra ponta da equação. Se, como bem observado por Donoso e Tinti (2022), o projeto da universidade pública brasileira, especialmente a partir da criação da USP, condizia a um projeto a serviço da manutenção dos interesses das elites que viam o negro e o pobre como um mal a ser erradicado, um projeto que assemelhava a universidade a uma arma de poder simbólico e ideológico, e que viria a ser posteriormente abandonado, deixado às margens do uso político, compreender os sentidos derivados desse sentido de abandono torna-se elemento chave no desvelamento das vidas que por ali passam. Aliás, parece fundamental que, se por um lado, percebe-se um aumento significativo de negros na universidade pública brasileira, por outro, deve-se admitir o destino social a qual se destina a maior parte dos cursos por eles frequentados, isto é, o lugar que ocuparão estes estudantes após a sua formação. Se a universidade pública for algo semelhante a uma segunda abolição, em que pese a ausência de um projeto de maior amplitude social de proteção e inclusão do negro e do pobre na sociedade, então é provável que seja a redentora imagem expressa em dados estatísticos a outra face dos seus usos políticos. Mas para isso é preciso compreender os sentidos da expansão universitária em todo o território nacional, em que a USP, agora, desempenha apenas a sua parcela de um projeto mais amplo. Observe-se com atenção: não é a expansão do acesso ao ensino público superior o problema. O que ocorre, e deve-se notar com certo cuidado, é a responsabilidade que deve estar na fundamentação da formação, do projeto político pedagógico que dá sustentação e forma ao modelo que chega à sala de aula. Como na conclusão do ensaio de Donoso e Tinti:

*Die Elite hat durch die Taktik der Freilassung von Sklaven wie durch die identitäre Politik des TV - Konzerns Rede Globo gezeigt , dass die Förderung von bloß einem oder zwei Bevorzugten lediglich die repressive und paternalistische Grausamkeit dieser Elite ver stärkt , welche die Utopie durch ihre prekäre Verwirklichung erledigt . Nach dem die Elite die Fehler der alten artverwandten Waffe durch den Fund einer neuen überwunden hatte , verriet sie ihren eigenen Verrat und überließ die Universität der Verschrottung . Dies ist wiederum das Resultat des Handelns Bewegungen der Ppalat , der darauf folgte , zu sehen , in einer organisierten , rassistischen und armenfeindlichen Klasse , die , so wie sie die Schwarzen ihrem Geschick in der Hoffnung überließ , dass sie verschwinden und heimlich befahl , sie Tag für Tag zu ermorden , auch die Universität aufgab und hoffte , sie dadurch aufzulösen . Doch die aufgegebenen Bevölkerungsschichten treffen auf die aufgegebenen Institute und selbst wenn die Waffe , angesichts des drastischen Mangels finanzieller Ressourcen , unzureichend und Schrott , dem Regen ausgesetzt und kein Panzer ( tank ) ist , verwandelt sie sich im Augenblick der Wiederkehr des Sklavenhalterdiskurses in eine Waffe , die nicht zu verachten ist . Wie alles in einem Land , das zum einen durch Verschwendung , zum anderen durch Armut gekennzeichnet ist , hängt auch unsere Fähigkeit , geistig zu überleben , von unserer Fähigkeit zum Recycling ab. (DONOSO, TINTI, 2022, p. 220-221)<sup>5</sup>.*

A metáfora do sucateamento e do projeto de desintegração da universidade pública adquire novos ares e formatos que se manifestam na própria instituição por meio das práticas ali presentes. Uma formação superficial, apressada, que despreza a leitura dos clássicos, substituindo-os por textos rápidos e manuais técnicos, que prometem centenas de fórmulas de ser e agir não pode, sob nenhum aspecto, esperar mais que profissionais medianos e intelectuais medíocres. O crescimento e a expansão são sob todos os ângulos que se olhe, medidas necessárias para dirimir problemas estruturais históricos graves de segregação e exclusão das minorias nos espaços universitários. Entretanto, se isso significar apenas o “acesso” às universidades, os efeitos colaterais serão tão ou mais graves do que o próprio projeto abolicionista.

É esse um possível e frequente cenário com o qual se depara um professor universitário em início de carreira. Encontra-se diante de um cenário de uma expansão vertiginosa, de um nível de exigência por produção estafante, de relações que visam nada mais que o desempenho e a produção em substituição da amizade e o aprendizado. A substância sagrada do ensino como uma relação de “amor recíproco entre quem aprende e quem ensina como fator indispensável para se chegar ao conhecimento”, como observou Erasmo de Rotterdam em “A puérpera”, Colóquios, contaminou-se pelas leis

---

<sup>5</sup> “A elite, por haver encontrado uma arma nova e pelos defeitos congêneres da anterior, traiu a própria traição e abandonou a universidade para o sucateamento. É, mais uma vez, resultado de uma classe organizada, racista e antipobre, e que assim como deixou os negros à própria sorte, esperando que desaparecessem, ordenando subrepticamente que se os matasse dia-a-dia, assim também abandonou a universidade e esperou que se desintegrasse pelo mesmo abandono. Mas as populações abandonadas encontraram as instituições abandonadas, e mesmo que a arma seja insuficiente, que esteja em sucata, abandonada à chuva, e que não seja um tanque, na falta desesperada de recursos e no momento em que o discurso escravista retorna acaba por se tornar uma arma que não pode ser menosprezada. Como tudo em um país de dissipação, por um lado, e pobreza, por outro, nossa capacidade de sobreviver intelectualmente também passa por nossa habilidade de reciclagem” (Tradução cedida pelos autores).

do mercado, em que tanto o verdureiro quanto o professor possuem o mesmo valor, com tal que o verdureiro<sup>6</sup> venda verduras e o professor, conhecimentos úteis.

Sob a égide do neoliberalismo, em que o Estado é submetido a um projeto de demonização em benefício do ideal da livre iniciativa de mercado, a sociedade de desempenho se instala de modo irresistível. Referindo-se ao sujeito, Byun-Chul Han escreve:

A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso e gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama *burnout* (esgotamento). O sujeito de desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem (BYUN-CHUL HAN, 2017, p. 85-86).

É preciso levar em conta os determinantes que condicionam nossos modos de agir e pensar. A este respeito, cabe aqui estabelecermos a seguinte distinção. Memorial, ou mais especificamente o memorial descritivo diz respeito aos fatos mensuráveis de uma carreira, aos marcadores que sintetizam a trajetória em termos factuais ou de produção. Evocam uma noção material semelhante a um inventário, uma descrição dos principais eventos que constituem os dados de uma carreira. É o contar de história de um currículo. Já a biografia possui elementos distintos que devem aqui ser salientados. A biografia dá abertura para eventos inusitados, sem qualquer relação com um fato que se considera relevante. Tem mais a ver com uma noção epistemologicamente anárquica do que com um elemento razoável de enredo. E, contudo, é tão importante para a história como os dois mujiques<sup>7</sup> que conversam sobre a roda da carruagem em que está a personagem central de "Almas Mortas", Tchitchicov, de Nicolai Gogol, ao passar por eles. Os eventos arbitrários, que escapam ao jogo da razão e que se amalgamam a algo próximo daquilo que Michel de Certeau chamava a atenção em "A invenção do Cotidiano", são possíveis somente nas biografias. Esse é o espaço que preenche de sentido detalhes ou situações que não teriam qualquer significado de maior relevância em outros gêneros. É, por assim dizer, um espaço de liberação do espírito científico cedido pela própria ciência. Se, como observou Bachelard em "A poética do devaneio":

O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a "inclinação do devaneio" — uma inclinação que sempre desce —, a consciência se distende, se dispersa e, por conseguinte, se obscurece. Assim, quando se devaneia, nunca é hora de se "fazer fenomenologia" (BACHELARD, 1998, p. 5).

Entretanto, no gênero biográfico o devaneio parece pertencer a uma classe bastante distinta. É que, não raras vezes, o exercício da memória, de rememorar eventos passados, personagens e situações, desemboca num

6 Em "Ciência como Vocação", Max Weber tece considerações sobre o fen meno da americaniza o do ensino por toda a Europa, demonstrando o caráter mercad gico que o estudante americanando tem quanto as expectativas sobre o ensino.

7 Camponês russo, anterior   revolu o de 1917; personagem frequente na literatura de Nicolai Gogol ou Anton Tchekhov, p. ex.

espaço vazio e nebuloso que parece em nada mais levar: é o mesmo “devaneio hipnotizado pelo longínquo” de que fala Bachelard a respeito do devaneio dos poetas. A hipnose, neste sentido, torna-se a condição *sine qua non* do próprio exercício da memória. No gênero biográfico, adquire um sentido especial, sobretudo se o que está em questão é a construção de sentidos. É preciso observar o fato de que se há um aumento considerável de pesquisas (auto)biográficas em educação, talvez o motivo resida justamente no caráter curativo que se encontra neste gênero, quase como a busca por uma psicanálise de uma profissão que tende ao esgotamento, uma profissão patologizada pelos condicionantes sócio-históricos.

Embora, como salientou Delory-Momberger, não exista na pesquisa biográfica um algo a ser revelado, um algo oculto, latente, à espera de um sentido pré-existente, podemos acrescentar: a própria vida, em sua totalidade, mostra-se bastante frágil, bastante fugidia se não fixada em palavras ou na memória dos viventes. A biografia, mais do que uma forma de produção dos significados de uma vida, parece, com efeito, querer afirmar a própria vida. Se esta for outra consequência das razões que tem levado muitos pesquisadores a escreverem sobre suas próprias carreiras, o motivo central talvez resida na noção de morte, que tem acompanhado tanto a figura do professor, quanto a do próprio sistema de ensino<sup>8</sup>.

A biografia, pela característica que lhe é inerente, demanda um esforço de trazer ao texto elementos da vida, deve admitir, portanto, as imperfeições da vida, as artes de fazer, incluindo a alteração dos objetos e dos códigos (Certeau, 1996); deve buscar compreender os sentidos da espontaneidade e do improvisado, daquilo que escapa as leis das convenções e dos aspectos mensuráveis da vida. A biografia, diferente da neutralidade branca da ciência, deve admitir os odores da vida, deve abrir-se para os eventos estranhos, personagens insólitos, pequenos acidentes do dia-a-dia. A razão para tal não se reduz ao gosto pelo insólito, do *nonsense*. Tais aspectos, aparentemente gratuitos ao *corpus* biográfico, são os que restituirão a condição do humano que deve se fazer presente neste gênero.

Em minha tese de doutorado, em que busquei reconstituir as histórias de vida de adolescentes com câncer diante da experiência da classe hospitalar, busquei realçar as angustias durante o período de tratamento. Omitir-me sobre tal atmosfera seria tanto desonesto quanto impreciso sobre as impressões acerca escola e o futuro. Antes da defesa, recordo-me, minha orientadora recomendara, em tom de brincadeira, que eu entregasse a versão final à banca acompanhada de lencinhos. Cito, à título de exemplo, uma passagem:

Os efeitos da quimioterapia causavam em Ester estranhas sensações. Sentia náusea, embora esta não preponderasse sobre outros sentidos inomináveis. Tratava-se de um sentimento confuso, angustiante, terrível. Talvez, entre seus secretos pensamentos, pensasse em como estaria daqui a 20 anos. Estaria bem de saúde, curada, feliz? Teria se casado com seu namorado? Teria filhos com ele? Ou não estaria com ele?  
Estaria viva? (QUIROGA, 2020, p. 84).

---

<sup>8</sup> Para citar um só exemplo, o texto de Marilena Chauí “O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador” é elucidativa a este respeito.

As histórias de vida e o gênero (auto)biográfico, portanto, devem presumir elementos que nem sempre são materiais, objetivos, mensuráveis. Os aspectos subjetivos como o medo, a angústia, a ambição, o pensamento sobre o futuro, dentre outros, constituem elementos que demandam do narrador o esforço por inseri-los na história. Entre o risco do exagero ou da omissão é preferível o primeiro, já que a expectativa da biografia é sempre a de uma aproximação à própria vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de contribuição acerca da busca pelos fundamentos epistemológicos do gênero (auto)biográfico em educação, entendemos que, uma vez que não há história antes da história, já que se trata de uma reflexão, portanto de uma interpretação sobre os dados da realidade, neste ensaio avançamos no sentido de capturar outras características potenciais presentes na pesquisa biográfica.

Em primeiro lugar, coloca-se como característica fundamental o pano de fundo em que se dará a narrativa. Tanto são necessários, aqui, dados da realidade local em sua trajetória de vida quanto aqueles advindos da teoria como dispositivo à compreensão da realidade. A compreensão dos fenômenos sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais são imprescindíveis neste gênero já que é sobre tais cenários, impregnados de teorizações as mais diversas, que se passa a nossa existência. Se em uma biografia há elementos que caracterizam uma fase de pobreza durante a infância, e que progride até a emancipação econômica da personagem, é praticamente impossível que não retomemos o tema da pobreza em sua dimensão política ou que não pensemos na noção de mobilidade social ou nos aspectos culturais que se vão constituindo durante o processo de formação. O contexto, enquanto pano de fundo a partir de sólidos referenciais teóricos constitui uma primeira e indispensável característica. Neste texto esboçamos de que modo uma sociedade que se tornou uma *sociedade do cansaço*, contribui para a elaboração de biografias contemporâneas em um momento em que os sentidos relativos ao trabalho sintonizam-se com a “sociedade do desempenho”, ao “todos contra todos” da condição neoliberal.

A (auto)biografia, ainda, e especialmente no âmbito da docência, inscreve-se como uma afirmação da vida em um contexto de esgotamento e morte, de aniquilação e esvaziamento da identidade docente em razão do desprestígio crescente em face das políticas de precarização e ameaças à categoria por parte dos ideólogos de extrema-direita atualmente no poder por meio do governo de Jair Bolsonaro. Em “O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador”, Marilena Chauí reflete sobre os riscos da “modernidade” no âmbito educacional, especialmente chamando a atenção para o caráter da especialização, que chega até a educação sob a aura técnico-científica e abandona, de vez, o estatuto de arte de ensinar. Segundo ela:

(...) quando examinamos as reformas do ensino no Brasil após 68, o papel conferido à segurança nacional (levando à introdução do ensino moral e civismo e da organização e política do Brasil) ao desenvolvimento econômico nacional (levado aos cursos profissionalizantes no ciclo médio, às licenciaturas, curtas ou plenas,

em estudos sociais, ciências, comunicação e expressão, e aos convênios empresa/escola), e à modernização da escola (cientificação do ensino, organização burocrático-administrativa da escola, centralização e tutela curricular), notamos a aliança intrínseca entre uma certa concepção da ciência, da tecnologia, da profissionalização e do “progresso” que não só indicam a morte da pedagogia como arte de ensinar, mas revelam também o novo papel conferido à escola: além de reprodutora de ideologia e das relações de classe, está destinada a criar em pouco tempo, a baixo custo e em baixo nível, um exército alfabetizado e letrado de reserva (CHAUÍ, 2002, p. 57).

Não se poderia imaginar cenário mais sombrio e mais realista do que este. Mais uma vez, o pano de fundo de que não se pode prescindir na biografia deve levar em conta os dados duros da realidade.

Finalmente, entendemos ser a pesquisa (auto)biográfica fonte de produção de sentidos acerca da docência a partir da experiência singular dos professores. A biografia, neste sentido, deve transcender a escrita de marcadores que falam por si próprios. Na verdade interessa mais ao gênero os elementos intermediários entre tais eventos, isto é, aqueles que precedem a materialização dos eventos mensuráveis. Trata-se da história dos antecedentes, do processo de formação das coisas, da decantação do tempo, da aventura que termina por lhes conferir forma. Assim, parece mais significativa a leitura destes processos submetidos às leis do tempo, como encontramos nos versos de Boito acerca da vida: “lenta que parece um século, / breve que parece uma hora”, do que a uma apresentação sofisticada de um *Currículo Vitae*. Neste sentido, não se deve confundir currículo com biografia. Nas biografias os esforços convergem para pôr ordem à uma realidade fugidia, caótica, escapadiça. Esta ordenação da realidade, portanto, atinge uma dimensão curativa, porque lança luz sobre aspectos sombrios, porque produz respostas à perguntas latentes, porque, finalmente, possui a nobre pretensão de alcançar a própria velocidade da vida.

Finalmente, entre os processos de formação e de aprendizagem que compõe a base das reflexões (auto)biográficas em educação há questões que somente passam a fazer sentido se amparados por uma teoria que as justifique e um pano de fundo sócio-histórico que delimite outros aspectos fundamentais à compreensão de uma determinada história de vida. O refinamento do olhar sobre tais aspectos, como o das primeiras experiências escolares, por exemplo, podem tanto querer apontar para processos de exclusão, ainda bastante presentes na escola brasileira, quanto para as “razões do improvável” de que nos fala Lahire acerca das condições de vida que guardam relações íntimas com o sucesso escolar. Por esta razão, estes e outros aspectos, como os que nos ocupamos neste ensaio constituem, a nosso ver, elementos fecundos para a epistemologia da pesquisa biográfica no campo educacional.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BYUN-CHUL HAN. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O Educador: Vida e Morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p. 51-70.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. *Educação em Revista* [online]. 2011, v. 27, n. 1 [Acessado 29 Julho 2022], pp. 333-346. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>>. Epub 01 Jun 2011. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>.

DONOSO, Tiago; TINTI, Tauan. Die brasilianische Universität: Von USP zu Denkfabriken. In: HENNING, Tescke. *Universität in Dummheit*. Bonn: minifal, 2022, p. 2010-2030.

Galeano, Eduardo. *Os sonhos de Helena*. São Paulo: Livros da Raposa Vermelha, 2021.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. Trad. Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

QUIROGA, Fernando L. *O Mal-estar na contemporaneidade e suas expressões na docência*. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2018.

\_\_\_\_\_. *A escola no hospital: histórias de vida e trajetórias escolares de adolescentes com câncer e de seus professores*. Curitiba: CRV, 2020.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: Filosofia da sensação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

WEBER, M. A ciência como vocação e A política como vocação In: WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

**Autor 1 - Coordenador do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.**

#### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

**Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.**



## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.